

ONCOCLÍNICAS

 **JOURNAL**
CABEÇA E PESCOÇO

Publicação médico-científica da Oncoclínicas

Edição Especial - Cabeça e Pescoço - 8º Simpósio Internacional

8º SIMPÓSIO INTERNACIONAL

**ESPECIALISTAS DISCUTEM
A PERSONALIZAÇÃO DO
TRATAMENTO DO CÂNCER DE
CABEÇA E PESCOÇO**

COMISSÃO CIENTÍFICA



Bruno Ferrari
*Fundador e Presidente do Conselho de
Administração do Grupo Oncoclínicas*



Carlos Gil
Presidente do Instituto Oncoclínicas



Sérgio Azevedo
*Coordenador Científico do
8º Simpósio Internacional Oncoclínicas*



Paula Ugalde
*Coordenadora Cirúrgica do
8º Simpósio Internacional Oncoclínicas*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO



Leonardo Rangel
Coordenador de Cirurgia - Cabeça e Pescoço
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Pedro De Marchi
Oncologista Clínico
Oncoclínicas RJ

ÁREA: CABEÇA E PESCOÇO

ESPECIALISTAS DISCUTEM A PERSONALIZAÇÃO DO TRATAMENTO DO CÂNCER DE CABEÇA E PESCOÇO

Sessão no 8º Simpósio Internacional Oncoclínicas destaca peculiaridades de cada subtipo da doença, enfatizando a necessidade cada vez maior de se personalizar o tratamento.

“O câncer de cabeça e pescoço não é apenas um tipo de câncer. Existem vários subtipos da doença, e o tratamento para cada um deles tem se diferenciado cada vez mais”, afirma o oncologista Pedro De Marchi, oncologista clínico da Oncoclínicas RJ. Essa foi uma das conclusões da sessão sobre câncer de cabeça e pescoço no 8º Simpósio Internacional Oncoclínicas. De Marchi, que coordenou a sessão, diz que, apesar de se tratar de um câncer desafiador, o tratamento tem evoluído, permitindo que os pacientes vivam mais tempo e tenham acesso a terapias cada vez menos tóxicas e invasivas.

Um dos assuntos abordados no evento foi o câncer de orofaringe (garganta) relacionado ao HPV, subtipo cuja incidência tem aumentado nas últimas décadas. Segundo De Marchi, até 80% dos tumores de orofaringe nos Estados Unidos

já são relacionados ao HPV. No Brasil, ainda há prevalência da doença relacionada ao cigarro e ao álcool, mas cresce o número de casos associados ao vírus.

De Marchi afirma que, apesar de serem tumores com o mesmo tipo histológico daqueles não relacionados ao HPV, na prática são casos bastante diferentes. “Tumores relacionados ao HPV ocorrem em pacientes mais jovens e, como em geral eles não fumam e não bebem, têm menos comorbidades e melhores condições de receber tratamento. A doença responde melhor à rádio e quimioterapia e conseguimos a cura de boa parte dos pacientes que apresentam doença locorreional avançada”, afirma o oncologista.

No simpósio, abordou-se a possibilidade de diminuir a agressividade do tratamento desses pacientes, já que eles tendem a responder bem

às terapias. Os especialistas falaram sobre o uso de cirurgias menos agressivas e de fazer modificações no plano de radioterapia com intenção de reduzir a toxicidade do tratamento. “Temos uma perspectiva de num futuro próximo tornar o tratamento da doença locorregional menos intenso, poupando o paciente da toxicidade sem prejudicá-lo em relação ao resultado oncológico”, afirma De Marchi.

Outro tema discutido foi o câncer de tireoide, que contou com a apresentação de uma cirurgia ao vivo que utiliza uma técnica mais recente, poupando o paciente do corte no pescoço. O cirurgião Leonardo Rangel, coordenador de Cirurgia de Cabeça e Pescoço da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi o responsável pela realização da tireoidectomia endoscópica em um paciente com câncer de tireoide durante o evento. Além do benefício estético de não deixar cicatriz, por usar vídeo, a técnica possibilita aumentar a imagem de dez a vinte vezes, o que permite mais precisão e uma manipulação mais delicada das estruturas, segundo Rangel.

O cirurgião afirma que o Brasil é um dos países que mais adotaram a técnica no mundo, mas, em relação ao número total de cirurgias, ela ainda é pouco utilizada. “Por ano, a média de cirurgias de tireoide no Brasil gira em torno de 50 mil a 60

mil. Cerca de 500 são feitas com essa técnica”, afirma Rangel. “É um número pequeno, mas está crescendo bastante. Tem gente fazendo em São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Amazonas, Brasília.” Segundo o cirurgião, a técnica pode ser feita em pacientes com tumores de tireoide de até 2 cm.

Uma das mesas sobre tireoide contou com a participação do oncologista Jochen Lorch, diretor do Centro de Câncer de Tireoide do Dana-Farber Cancer Institute. Ele falou sobre a doença avançada. “A maioria dos pacientes é diagnosticada em estágio inicial e é curada com cirurgia. Mas existe um percentual de casos em que a doença reaparece, progride e desenvolve metástases. Nesse cenário, resta o tratamento sistêmico”, diz De Marchi. “O foco da palestra foi sobre as alternativas de tratamento para esses casos. Existem pelo menos duas drogas utilizadas por via oral que são aprovadas para o tratamento da doença, e para casos que apresentam alterações genéticas que ocorrem no tumor há tratamentos específicos que podem eventualmente ser utilizados. Também existem resultados iniciais promissores com imunoterapia”, complementa o médico.

O evento teve ainda mesas sobre câncer de laringe e câncer de cabeça e pescoço não nasofaringe com recidiva locorregional. Rangel destaca a multidisciplinaridade e a abrangência da sessão, que conseguiu, em apenas um dia, cobrir quase todas as áreas de câncer de cabeça e pescoço.

EXPEDIENTE

Publisher

Simone Simon

Editora e jornalista responsável

Daniela Barros (Mtb-SP: 39.311)

Curadoria

Senso Comunicação - Moura Leite Netto

Reportagens

Jiane Carvalho

Mariana Lenharo

Marketing Médico Oncoclínicas

Anna Carolina G. Cardim Azevedo

Débora Castro Giraldi

Renata Canuta Tenório

Arte e diagramação

Paulo Henrique Azevedo Stabelino

Mídias digitais

Ana Floripes Mendonça

Revisão

Patrícia Cueva

O 8º SIMPÓSIO INTERNACIONAL ONCOCLÍNICAS ACONTECEU INTEGRALMENTE EM FORMATO VIRTUAL

A pandemia não foi um fator limitador para esse evento. Ao contrário, o investimento em inovações e na programação científica, com a inclusão de cirurgias conduzidas ao vivo, o tornou ainda mais distinto.

O simpósio internacional anual do Grupo Oncoclínicas, em parceria com o Dana-Farber Cancer Institute, já se tornou uma tradição. Segundo Carlos Gil, presidente do Instituto Oncoclínicas e diretor científico do Grupo Oncoclínicas do Brasil, “o simpósio anual é o momento máximo do instituto”.

Durante sete anos, médicos de todo o país e dos Estados Unidos se reuniram presencialmente em um encontro que promove um amplo intercâmbio de experiências e aprendizado. No entanto, em 2020, momento em que a pandemia imposta pelo novo coronavírus trouxe tantos desafios e mudanças, o Grupo Oncoclínicas também precisou se adequar. Além dos novos protocolos adotados pelos seus centros em todas as cidades em que atua (“O Grupo teve uma resposta fantástica diante da pandemia, superior à dos hospitais de Boston, cidade em que atuo”, afirma Otto Metzger, oncologista clínico brasileiro que integra a equipe do Dana-

Farber), o simpósio também passou para um formato totalmente virtual.

Assim como nas edições anteriores, a programação do 8º Simpósio Internacional Oncoclínicas contou com diversos painéis temáticos para debater os últimos avanços da pesquisa clínica em oncologia. De acordo com o coordenador científico, Sérgio Azevedo, os principais objetivos desse encontro incluem os cuidados ao paciente como centro de toda atenção, educação médica e não médica continuada, relacionamento interprofissional e multidisciplinar e tecnologias da oncologia subespecializada e de precisão. “Dividimos o simpósio em 13 módulos simultâneos, representando as áreas do subprojeto de especialização do Grupo Oncoclínicas.”

Para o CEO do Grupo Oncoclínicas, Luis Natel, o 8º simpósio significa mais do que compartilhar conhecimento: “Para nós, a realização desse

encontro significa a síntese dos grandes aprendizados do ano de 2020". E todo esse esforço valeu a pena, pois dele participaram mais de 5 mil pessoas de todo o país.

Ao todo foram 250 palestrantes (20 internacionais), responsáveis por ministrar as mais de 200 aulas. "Neste ano, em que completamos também dez anos do Grupo Oncoclínicas, abordamos no simpósio aquilo que fazemos diariamente em nossas clínicas, que são as melhores práticas, tecnologias, atendimento e atenção ao paciente oncológico", diz Bruno Ferrari, fundador e presidente do conselho de administração do Grupo Oncoclínicas. Ele destaca também os temas envolvendo genômica e medicina de precisão, áreas que passaram por grande desenvolvimento nos dois últimos anos no Grupo.

Segundo Rodrigo Dienstmann, diretor médico do OC Precision Medicine, a medicina de precisão só tem sentido quando é um projeto de ponta a ponta: "A inovação deve estar presente dentro da linha de cuidado e da assistência oncológica para que o impacto seja o maior possível". Ele explica que a medicina de precisão funciona como uma lente de aumento que possibilita ao médico enxergar as peculiaridades da doença, como por meio das tecnologias de sequenciamento, que identificam as alterações

moleculares específicas do tumor. "A partir do momento em que essas alterações são detectadas, precisamos saber qual caminho seguir. Por isso a importância de incluirmos esse tema em um evento como esse, para refletirmos com os colegas sobre como chegar à melhor tomada de decisão", afirma Dienstmann.

Outra novidade deste ano foi a inclusão de seis cirurgias, realizadas ao vivo. Clínicos e cirurgiões tiveram a oportunidade de debater os procedimentos no cenário neoadjuvante, adjuvante e as combinações de terapias e cirurgias, inclusive a robótica. "A inclusão de grupos cirúrgicos representa um dos mais recentes avanços do conceito de medicina compartilhada", comenta Azevedo. Paula Ugalde, cirurgiã torácica e líder da cirurgia do Grupo Oncoclínicas, explicou que o foco da programação cirúrgica foi a importância do tratamento multidisciplinar do câncer, com ênfase no que há atualmente em termos de tecnologia e inovação. "Um exemplo das cirurgias conduzidas ao vivo foi a nefrectomia parcial robótica, uma técnica bastante recente e ainda realizada em poucos centros", diz.

Qualidade e excelência do atendimento sempre foram premissas do Grupo Oncoclínicas. Por isso, seu crescimento aconteceu reforçando

esse pilar e adicionando a sustentabilidade. A parceria com o Goldman Sachs Group, que se tornou sócio-controlador no ano de 2015, permitiu uma série de investimentos, que hoje se refletem no número de pacientes atendidos e nos significativos índices de sobrevida.

De acordo com David Castelblanco, responsável pela Divisão de Merchant Banking do Goldman Sachs Group, Inc. para a América Latina, um dos principais objetivos do Grupo Oncoclínicas é oferecer no Brasil o mesmo nível de atendimento que ocorre nos Estados Unidos: “Temos um Tumor Board composto pelos especialistas brasileiros e pelos americanos do Dana-Farber. Nele são discutidos os casos mais desafiadores. As condutas propostas são as mesmas utilizadas nos EUA, ofertando aos pacientes do Brasil o que há de mais moderno em terapias e condutas adotadas nos principais centros do mundo”.

Outra área que está sendo ampliada é a de radioterapia. Castelblanco contou que até o fim de 2020 o Grupo, que iniciou em 2010 com uma proposta integralmente clínica, terá 18 aparelhos de radioterapia de última geração. “Temos na equipe 35 rádio-oncologistas e 30 físicos médicos”, complementa.

Há cinco anos o Grupo atendia, anualmente, cerca de 30 mil pacientes. Hoje, são mais de 160 mil, acompanhados pelos 900 médicos nas 71 clínicas credenciadas.

Eric Winer, diretor de desenvolvimento clínico do Dana-Farber Cancer Institute, afirma que a parceria deles com o Grupo Oncoclínicas é muito importante. “O trabalho que fazemos não é limitado aos médicos. Temos também programas de treinamento para a equipe multidisciplinar, que inclui farmacêuticos e enfermeiros, com foco na qualidade do atendimento e na segurança do paciente”, relata.

Todos os avanços existentes na área da genômica permitem maior precisão em relação às anormalidades que impulsionam o crescimento tumoral. A individualização do tratamento, baseada no perfil molecular de cada paciente, oferece indícios do que esperar para o futuro da oncologia. “É por isso que nós, oncologistas, devemos nos atualizar sempre e cada vez mais. Não estamos simplesmente lidando com um câncer como o de mama, mas sim com um câncer de mama que abriga uma anormalidade bastante específica. Parcerias como essa entre o Grupo Oncoclínicas e o Dana-Farber em prol da educação são essenciais nesse cenário”, finaliza Winer.



 JOURNAL

INSTITUTO
 ONCOCLINICAS

TENHA ACESSO A TODAS AS EDIÇÕES DO OC JOURNAL,
ENTREVISTAS, BANCO DE AULAS DO SIMPÓSIO E A
MUITOS OUTROS CONTEÚDOS CIENTÍFICOS:



www.grupooncoclínicas.com/ocjournal



www.simposiooc.com.br

**Acesse também por meio do QR Code.*

Realização:



Patrocínio:



SÃO PAULO

Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 510

2º andar - Itaim Bibi - São Paulo - SP

CEP: 04543-906 - Tel.: 11 2678-7474